

Certamente o senhor deixará Viena no mês que vem para suas férias de verão (que o tempo esteja melhor do que no ano passado!). O fato de a Sociedade florescer deixa-me, exilada que sou, roxa de inveja. Quase deixei de acreditar que um dia virá em que poderei tomar parte em seus encontros novamente. De minha vida pessoal prefiro não dizer nada, pois — pelo fato de ter parentes na Rússia e devido à tragédia daquele país — me é muito penoso falar sobre ela. Se começasse a escrever sobre este assunto, certamente me desfaria em lágrimas.

Neste ínterim, minha antiga pequena paciente sofreu um infortúnio. Apareceu-lhe de repente uma pequena curvatura na espinha inferior, e seus angustiados pais enviaram-na com uma amiga da família para a Alta Engadina para fazer uma cura de sol de doze meses de duração. Também ali, ela ainda dorme otimamente.

A propósito, um fenômeno interessante manifestou-se em seu irmãozinho de um ano e meio e, aparentemente, isso data de quase um ano: ou seja, um pavor indescritível de todos os tipos de flor, folha, folhinha de grama ou relva. Essa criança (um menino saudável, forte e feliz) não demonstra o menor medo de animais, nem mesmo dos correspondentemente pequenos, permite que besouros sejam colocados sobre seu nariz, mas por outro lado fica pálido de medo se alguém coloca uma margarida, por menor que seja, em seu colo; nunca ousa removê-la ele próprio e é sacudido por gritos convulsivos. Ao mesmo tempo, faz uma distinção precisa entre flores vivas e artificiais etc. — sejam verdadeiras imitações ou apenas pintadas ou bordadas. Além disso, na Páscoa, quando esconderam pequenos ovos de Páscoa para ele na grama, que pareciam exatamente florezinhas de primavera à distância, demonstrou apenas prazer e desejo de tocá-los. Devo confessar que nunca antes me havia deparado com esta idiossincrasia particular. Parece estar fora de dúvida que em sua curta vida ele tenha passado por uma experiência alarmante ligada às flores, e todas as pessoas que vê em seu redor demonstram, é claro, uma predileção por elas. Recentemente, aconteceu um episódio encantador, quando nosso amiguinho reuniu todo o curto vocabulário que domina para fazer uma advertência urgente, talvez até temerosa, a um pássaro cantante que havia pousado num arbusto florido. Nada no mundo o persuadiria a pôr os pés num gramado: se sua bola

cai na grama, no que lhe diz respeito, está simplesmente perdida.

Muito obrigada por suas observações sobre a histeria e a neurose obsessiva. É com dificuldade que consigo impedir-me de continuar a escrever sobre elas. Sem dúvida, a origem da neurose obsessiva é *exatamente* como o senhor a descreve.

Nesse meio tempo, li a brochura de Ernst Simmel com grande prazer. E assim a guerra, que espalhou os psicanalistas por toda parte, apesar disso terá beneficiado seu trabalho! O tom da brochura é bastante adequado. Aqui e ali, demasiado otimista, no sentido de que, por exemplo, ele considera a auto-análise para todos como exequível e suficiente, ou de que considera que uma interpretação de sonho esteja correta *porque* a pessoa envolvida alegremente concordou com ela. Em todos os casos mencionados ele quase não experimentou qualquer 'resistência', obviamente devido à brevidade da análise.

Calorosas saudações! Enquanto escrevo, estou sentada no mais veranil dos jardins, que já antecipa o esplendor de junho. Volta e meia tenho a sensação de que o tempo nunca esteve tão bonito e mais uma vez isso é um consolo inexplicável.

Sua,
Lou Andreas

29.5.18
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Há meses estamos em paz com sua velha terra natal, mas apenas há dois dias atrás um tenente austríaco trouxe-me uma carta do jovem rapaz de Odessa que, após três anos e meio de tratamento, eu havia dispensado, julgando-o curado, a 14 de julho de 1914. Duas semanas depois ele se tornou meu inimigo, e, pelo que sei, pode até ter estado disparando contra meu filho mais velho. A seu pedido, eu havia escrito uma parte de sua história, sua neurose obsessiva infantil, tendo-a enviado ao impressor há seis semanas atrás, para que fosse publicada no quarto volume de meus *Artigos Coligidos*. É claro que até agora nem uma palavra foi composta.